



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

A CONTEMPORANEIDADE NO BRASIL COLÔNIA

Kamila Kátya da Silva Monteiro
(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

Tatiane Barreto
(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

Luana Alves Luterman
(Universidade Estadual de Goiás – UEG)

Resumo: O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar experiências e reflexões acadêmicas referentes ao período de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa II do curso de Letras – Português/Inglês, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas, no segundo semestre de 2016. A realização do projeto colaborativo se deu no turno matutino em uma escola da rede pública, federal, da cidade de Inhumas-GO, com alunos do 1º ano do Ensino Médio Técnico (Agroindústria e Química). Planejamos nossas aulas colaborativamente com a professora supervisora de Estágio Supervisionado, a partir dos conteúdos requisitados pelo professor regente e visa ao estudo de obras literárias por elas mesmas, ou seja, leitura e compreensão em obras completas e uma desperiodização da literatura, mostrando que as épocas ou escolas literárias não são estáticas, estão em constante mudança, são descontínuas, não lineares. Objetivamos, assim, propor um projeto de literatura que seja mais significativo aos alunos, considerando os multiletramentos e o letramento literário: “Por extensão, podemos pensar em letramento literário como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o.” (OCEM, 2006, p.55). Apresentamos nossas ações, percepções e reflexões pré e pós-estágio supervisionado, bem como os resultados obtidos no mesmo por meio da análise das produções dos alunos. Ao longo de nossa prática, notamos que nos adequamos às necessidades dos alunos e às considerações do professor regente, o que nos mostrou que um bom trabalho é feito em colaboração. Ensinar e aprender literatura resumem-se em amor à arte.

Palavras-chave: Obras literárias. Literatura. Prática.

INTRODUÇÃO



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

No segundo semestre do ano de 2016, realizamos o projeto *A contemporaneidade no Brasil Colônia*, o qual aborda duas obras: *A carta de Pero Vaz de Caminha* (Quinhentismo) e *O Uruguai* (Arcadismo) sem necessariamente apontar os períodos de forma cronológica. Dessa forma, procuramos estudar as obras sem recorrer tanto ao contexto histórico e a datas, a fim de mostrar aos alunos que um período não tem começo e fim, mas sim que perdura através do tempo com diferentes obras. Decidimos inserir a contemporaneidade no projeto para mostrar o quão os temas do Quinhentismo e Arcadismo podem ser atuais ainda hoje e que a literatura é algo presente em nosso cotidiano, trata de assuntos sociais de forma implícita, o que nos proporciona fruição e reflexão na leitura.

Percebemos durante as observações das aulas que o ensino de língua portuguesa da escola em questão é fragmentado, isto é, os alunos veem cada época de modo estagnado, cristalizado, apesar de não designar as disciplinas de literatura, língua portuguesa e redação separadamente. Dessa forma, não conseguem fazer a junção entre a produção (redação), gramática e literatura, sendo assim os alunos até leem obras literárias, no entanto não fazem análise linguística, nem produzem; a não ser que o professor o faça na prática, já que segue um planejamento anual. Logo, fazem exercícios baseados apenas na história de cada período, ao invés de uma literatura propriamente dita.

Temos de pensar em aulas e materiais didáticos para esse nível de ensino que estabelecem uma inter-relação entre as atividades de leitura, produção de texto e análise linguística e que não fragmentem a relação entre a língua e a vida. Uma prática de ensino, como sugerem os PCNEM e os PCN +, mais voltada para a formação de leitores e escritores autônomos e críticos. (BUNZEN, 2006, p.159).

Nesse sentido, lendo a respeito da literatura no ensino médio e dos impactos de um ensino de língua portuguesa fragmentado, discutimos que o nosso projeto teria que levar em conta a contemporaneidade, isto é, a discussão e problematização dos currículos na escola tornam-se mais que necessárias. Considerando o tópico de número III da LDBEN nº 9.394/96, citado no OCEM (2006, p.53), cabe ao ensino da fase do ensino médio o “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Assim, não se pode negar a esses alunos um ensino que leve em conta as pluralidades do cotidiano, as diversidades presentes na sociedade.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Cabe ao professor decidir se levará para a sala de aula assuntos polêmicos e discutirá, permitindo ao aluno o posicionamento dele diante de tais discussões, ou simplesmente ignorá-los fazendo com que esses alunos não se mostrem perante a sociedade, sendo aquilo que a sociedade quer que eles sejam, que não tenham opinião própria para lutar.

[...] pensada (a literatura) dessa forma, ela pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí, favorecer lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo” (OSAKABE, 2004 apud OCEM, 2006 p.49).

Dessa forma, optamos por trabalhar temas da atualidade, a questão da valorização de Portugal em relação ao Brasil, e a questão do descobrimento: até quando seremos alienados? Mas como trabalhar esse tema dentro da literatura? Com a literatura do Brasil Colônia, levantaremos tais questões, já que nesse período estão as escolas literárias Quinhentismo, Barroco e Arcadismo, cujo tema é o ‘descobrimento’ do Brasil. Nesse sentido, buscamos trabalhar questões exteriores àqueles períodos, utilizando a literatura, por meio de comparações e análise de aspectos como pontuação e a linguagem utilizada a fim de mostrar as marcas daqueles períodos.

A análise seria relevante, além disso, para se poder explorar aspectos do vocabulário, do léxico da língua, das suas inter-relações no texto; de sua vinculação com as visões que se tem da realidade e de como o entendimento de qualquer texto só é possível porque mobilizamos, junto com o conhecimento linguístico, nosso conhecimento de mundo. (ANTUNES, 2007, p.130).

O que pretendíamos com esse projeto era que os alunos visualizassem a literatura como algo além da leitura de obras e estudo de períodos literários que mais se aproximam da aula de história, sem leitura de obras literárias. E, também, que eles percebessem que os períodos literários não são estáticos, mas sim dinâmicos, isto é, os temas discutidos não são lineares, cronológicos, como se passassem de acordo com a época em que foram produzidos, como se fosse papel da literatura registrar e propor discussões acerca de acontecimentos de dado momento que perduram na história.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

A nossa proposta era que os alunos lessem *obras literárias* e não resumos e conseguissem identificar temas que ainda permeiam a nossa sociedade, mostrando a contemporaneidade nas obras *A carta de Pero Vaz de Caminha* e *O Uruguai*. Assim, o nosso principal objetivo era fazer com que os alunos refletissem acerca da importância dos períodos literários por meio da literatura, ou seja, leitura de obras literárias; e como eles não são estáticos, dessa forma assuntos do primeiro período ainda permeiam a nossa sociedade na contemporaneidade.

A realização do projeto se deu numa escola pública federal da cidade de Inhumas - GO, cujo prédio localiza-se na Avenida Universitária, s/n, no bairro Vale das Goiabeiras. Esta instituição de ensino dispõe de estrutura física suficiente para a realização de diversas atividades, visto que há uma biblioteca, consideravelmente grande, há pátios, além das salas de aulas, que podem ser consideradas favoráveis para o ensino, já que são amplas e arejadas, há turmas que não ocupam todo o espaço. Devido ao fato de a escola ser de tempo integral, as aulas possuem maior tempo de duração do que nas escolas públicas (nas quais já atuamos): duram 1h30, correspondendo, assim, a duas aulas de 45 minutos. Dessa forma, nosso planejamento foi pensado de forma diferenciada, já que as aulas são maiores tivemos liberdade para fazer atividades que exigiriam mais tempo e que provavelmente se estenderiam demais nas aulas de 45/50 m.

No período de observação e semirregência, observamos as características físicas, bem como os alunos, os quais serão nosso público na regência. Nesses períodos, observamos as turmas de 1º ano e vimos que há um gosto pela leitura, visto que o professor regente fazia leituras em sala e havia a participação da maioria dos alunos. O professor regente seguiu um planejamento. Por isso, teríamos de trabalhar a disciplina de literatura no segundo semestre de 2016, pois não ministramos oficinas, e sim aulas regulares. Optamos pelos 1º anos, pois, apesar de não termos observado aulas com obras literárias, foi possível detectar o interesse deles pela leitura e temas do cotidiano.

Também pudemos observar que essas turmas, especificamente, não chegaram a ler obras literárias durante a nossa presença na sala. Os alunos dedicam-se à literatura somente no 3º ano, quando obras literárias são indicadas pelos vestibulares. Portanto, cabe a nós procurar formas de despertar o interesse desses alunos não só pela leitura, mas pela literatura propriamente dita, isto é, estudar a literatura pela literatura não pela história, como vem sendo



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

trabalhada nas escolas, considerando que “a aprendizagem da leitura assume uma função social, de resgate da cidadania, uma vez que possibilita ao leitor conhecer, refletir e atuar sobre uma dada realidade” (BRITO, 2003, p.23).

Pensando na importância da leitura e da literatura propriamente dita (não história) em sala, nos perguntamos: como despertar o interesse dos alunos pela leitura de obras literárias completas com a literatura do Brasil Colônia?

Percurso metodológico

Logo após termos pensado um projeto juntamente com o professor regente e a professora supervisora, demos início ao período de regência no mês de agosto do ano de 2016. Assim, nossa primeira aula aconteceu no dia 08 do mês de agosto na sala do 1º ano A. O tema proposto era *A Contemporaneidade no Brasil Colônia*. Iniciamos a aula com uma imagem que apresentava índios abrindo a mata e vendo os navios de Pedro Álvares Cabral chegando ao Brasil. Problematizamos, então, sobre o que se tratava o desenho, com perguntas do tipo: o que vocês podem observar nessa imagem? Levantamos a seguinte discussão: Se já existiam pessoas aqui quando os portugueses chegaram, na verdade, foram eles que descobriram o Brasil? Ficamos impressionadas com o envolvimento dos alunos e com as opiniões acerca do Brasil, se havia sido descoberto ou encontrado; e se não sofremos influências de outros países ainda hoje. Impressionante a forma como eles demonstraram o ponto de vista deles, disseram que o Brasil ainda é “colonizado”, pois ainda dependemos dos europeus em diversos pontos. Segundo as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*,

Independentemente, porém, da natureza da modalidade e da prática social de linguagem em foco, parte-se da compreensão de que o conhecimento do sujeito para nela atuar é uma produção humana, histórica, contextualizada, e que sua apropriação se dá exatamente na prática social (BRASIL, 2006, p.34).



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Levando em conta a importância de se partir do conhecimento prévio do aluno para então ensinar algo novo, problematizamos, primeiramente, a partir do tema que envolveria todo o nosso projeto: a neocolonização do Brasil.

Feito isso, entregamos a *Carta de Pero Vaz De Caminha* para que eles lessem a obra em sala de aula. Feita a leitura de algumas páginas, direcionamos, então, a carta para a literatura da época Brasil colônia explicando como era a literatura daquela época, a influência de Portugal para o Brasil, que acontece até hoje. Apontamos a linguagem, os cargos apresentados na obra, dentre outros aspectos. Em seguida, mostramos, por meio de slides, algumas palavras que são de origem portuguesa e mostramos como elas são hoje em dia, e uma página da carta original. Ao verem a linguagem da carta, eles se assustaram. Pedimos que lessem e eles não conseguiram, disseram que era algo arcaico. Aproveitamos essa discussão para enfatizar a relatividade da língua, como ela muda através do tempo.

Demos sequência à aula falando do Barroco e Arcadismo no Brasil Colônia, citando os principais autores e algumas de suas obras, tais como: Padre Antônio Vieira, Gregório de Matos, Tomás Antônio Gonzaga, Basílio da Gama, Frei José de Santa Rita Durão. Logo depois, encaminhamos os alunos para o laboratório de informática para que eles acessassem a obra *O Uruguai*.

Os alunos puderam iniciar a leitura no site do domínio público. Ao final da aula, pedimos que eles produzissem uma resenha crítica acerca do tema *Brasil, alienado desde o início* para que entregassem na terceira aula de nossa regência. A pedido do professor regente, fizemos algumas alterações no projeto de estágio. No dia seguinte, entramos na sala do 1º ano B e abordamos a mesma temática, porém com algumas modificações na sequência. Iniciamos a aula da mesma forma que no outro 1º. Como o professor já havia antecipado algo sobre o tema *Neocolonização* e as questões polêmicas, os alunos souberam nos responder às problematizações no decorrer das aulas, e nos disseram que não consideram o Brasil como um país independente, visto que ainda necessitamos de outros países e utilizamos muitas tecnologias vindas de fora. No momento em que estávamos discutindo sobre esse assunto, me lembrei de um aplicativo que está em alta – o *Pokemon Go*. Perguntei se alguém estava utilizando esse aplicativo, eles responderam que sim; logo, os indaguei se esse aplicativo era brasileiro, eles me disseram que não, veio dos Estados Unidos. Pude notar que eles reconhecem que o Brasil, apesar de ser “independente”, ainda se caracteriza como neocolônia;



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

isto porque, ainda hoje, mesmo aquilo que é brasileiro sofre ou sofreu influências europeias. Desse modo, buscamos mostrar aos alunos o que Geraldi (2010) denomina de articulação entre passado, presente e futuro, ou seja, como as questões perpassam pelo tempo e como isso acontece pela língua. Por meio de diferentes textos e em diferentes épocas vemos os temas e questões polêmicas se renovarem a cada nova geração; assim, já não é mais suficiente que estudemos a língua por si só, mas também os conhecimentos e interesses do mundo dentro e fora de sala de aula, como os jogos, aplicativos e diferentes formas de expressão presentes na sociedade contemporânea.

A leitura do mundo e a leitura da palavra são processos concomitantes na constituição dos sujeitos. Ao ‘lermos’ o mundo, usamos palavras, reencontramos leituras do mundo. Em cada palavra, a história das compreensões do passado e a construção das compreensões do presente que se projetam como futuro. Na palavra, passado, presente e futuro se articulam (GERALDI, 2010, p.32).

Logo, um ensino significativo não tem de privar os interesses do aluno, deve aliar os conhecimentos necessários para sua formação social e ao mesmo tempo algo que lhe faça sentido. Mostrar ao aluno que ele precisa saber se posicionar em qualquer área ou tempo é mostrar a ele seu lugar de cidadão.

Em sequência, entregamos cópias da obra *A carta de Pero Vaz de Caminha*, porém, dessa vez optamos por direcionar a leitura, deixando que eles lessem os trechos para irmos comentando, citando os trechos de maior importância de cada canto. Sabemos da importância do contato do aluno com a obra completa e, se possível, original; no entanto, o tempo (que parece ser maior) não apoia muito, já que há muitas obras obrigatórias para os alunos e eles têm de conhecer os pontos de maior relevância dentro de cada uma delas. Feita a leitura dos trechos, comentando-os, direcionamos então a carta para a literatura da época *Brasil colônia*, explicando como era a literatura daquela época e as influências de Portugal no Brasil desde o tempo em que a carta foi escrita até os dias de hoje. Fizemos isso apontando a linguagem, os cargos apresentados na obra, dentre outros aspectos. Em seguida, mostramos, por meio dos slides, algumas palavras que são de origem portuguesa e mostramos como elas são hoje em dia, a partir de uma página da carta original. Ao verem a linguagem da carta, eles se assustaram; pedimos que lessem e eles não conseguiram, disseram que era algo arcaico.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Aproveitamos essa discussão para enfatizar a relatividade da língua, como ela muda através do tempo. Prosseguimos a aula da mesma forma que na outra sala, enfatizando se a literatura já era nossa ou se ainda era dos países de fora. Em sequência, apresentamos a obra *O Uruguai*. Nessa sala, como sugestão do professor regente, não levamos os alunos até o laboratório de informática, providenciamos cópias da obra. O professor regente nos disse que é proveito de tempo e, ao mesmo tempo, os alunos têm a obra em mãos sempre que precisarem de uma releitura ou revisão. À medida que os alunos liam, apontamos as características da obra, como os personagens, o enredo e a questão dos portugueses e jesuítas na obra.

A terceira aula do nosso plano de aula se deu no dia 09 de agosto e a iniciamos com uma discussão mais aprofundada acerca de *O Uruguai*. Nessa aula, o foco foi a compreensão dos alunos, o que eles entenderam da obra, qual a linguagem utilizada e o porquê de ela se apresentar dessa forma, dentre outros aspectos relevantes. Em seguida, levantamos a seguinte questão: por que privilegiamos a língua de Portugal até hoje? Por que não existe uma língua puramente brasileira? Como e por que essas obras dialogam entre si (*A carta de Pero Vaz de Caminha* e *O Uruguai*)? Fizemos isso utilizando sempre a obra, abordando os temas do texto. Logo em seguida, executamos a música *Índios*, de Renato Russo. A escolha dessa música se deu pelo fato de a letra ter em sua composição uma relação com a colonização e as consequências dela para o Brasil. Depois, entregamos cópias da letra da música para que pudessem fazer a relação entre as temáticas abordadas nas duas obras apresentadas e a música. Enquanto ouviam mais uma vez a canção, propusemos algumas questões acerca da música: Na música *Índios*, de Renato Russo, existem trechos que podemos relacionar com a neocolonização? Quais trechos seriam esses? Como explicamos o trecho “[...] mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente”?

Feitas as perguntas, discutimos com eles antes de responderem no caderno. Eles conseguiram relacionar o tema da música à neocolonização, disseram que logo no título encontramos uma antecipação disso, e também, pela questão do ouro roubado, das trocas como provas de amizade entre os portugueses e os índios. Quanto ao trecho, nos disseram que quando os portugueses chegaram aqui trouxeram objetos que usaram como troca com os índios, tais como espelhos, roupas etc., e, como retribuição, sobrou um mundo doente, pelas doenças venéreas, pelo desmatamento, dentre outras coisas. E enfatizaram: por poucos objetos



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

que chamam a atenção os índios perderam até mesmo o lugar de viver, perderam todas as suas riquezas a troco de nada.

Fazendo uma ligação entre todas as obras, cujo tema era a neocolonização, decidimos executar em sala uma documentário (vídeo) intitulado *Os índios Pataxós e a terra do Descobrimento*. O vídeo mostra como viviam e como vive hoje a tribo Pataxó, a qual presenciou o período da neocolonização. Nele, os índios dizem que tinham tudo e hoje não tem sequer uma terra onde possam viver tranquilamente. Ao final, voltamos à discussão das questões acerca da música executada, já que o tema era o mesmo. Depois de termos executado o documentário, os alunos souberam acrescentar alguns fatores às suas respostas, eles nos disseram que o trecho “[...] mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente” da música de Renato Russo é um retrato daquilo que os portugueses fizeram com os índios, com trocas de objetos (desconhecidos para eles), levaram tudo de mais precioso da terra e deixaram apenas doenças, desmatamento, e, até mesmo, sem um território para chamar de seu. Nos dias atuais, sabemos que existem reservas, mas nem sempre são cedidas terras para esse povo, onde possam caçar, plantar e viver conforme sua cultura; o que é irônico se pensarmos que até os portugueses chegarem ao Brasil os índios eram os únicos moradores do país.

o texto pode ou não formar a espinha organizadora de um trabalho multimidiático. O que realmente precisamos ensinar, e compreender antes de poder ensinar, é como vários letramentos e tradições culturais combinam essas modalidades semióticas diferentes para construir significados que são mais do que a soma do que cada parte poderia significar separadamente. Tenho chamado isto de ‘significado multiplicador’ (LEMKE, 1994a; 1998) porque as opções de significados de cada mídia multiplicam-se entre si em uma explosão combinatória; em multimídia, as possibilidades de significação não são meramente aditivas. (LEMKE, 2010 [1998] apud ROJO, 2012, p. 20).

Considerando que o estudo por meio das mídias não é só aditivo, mas sim multiplicador, decidimos fazer uma junção entre diferentes textos com o mesmo significado pelas obras literárias, música e documentário. Assim, pudemos notar que os alunos conseguiram compreender o tema e o nosso questionamento em torno dele – a questão do Brasil enquanto neocolônia e como nos comportamos até hoje em relação à Europa.

Na nossa última aula do período de regência, aprofundamo-nos mais na obra *O Uruguai*, a pedido do professor regente. Assim, procuramos levar para a sala de aula aspectos



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

importantes da obra, como o porquê de Basílio da Gama ter escrito a epopeia, para quem e como podemos identificar tais fatores dentro da obra. Mostramos a capa e os pontos que comprovam a forma como Basílio da Gama legitimou o Marquês de Pombal, primeiro ministro de Portugal e suas colônias, induzindo as pessoas a acreditarem que Portugal e sua administração queriam o melhor para os índios ao contrário dos jesuítas (a quem criticavam). Pensando nisso, estudamos a biografia com os alunos. O autor de *O Uruguai* escreveu a obra para obter boa imagem com Francisco Xavier (Secretário de Estado da Marinha e Ultramar) e Pombal, e se tornou oficial da Secretaria do Reino. A obra critica veementemente os Jesuítas (que haviam formado um exército de índios por meio do Cristianismo), coloca os índios na posição de vítimas dos padres, exaltando, assim, a política de Pombal. Devido a isso, a obra é repleta de ofensas e críticas aos jesuítas – como o fato de Baldeta (um índio) ser o filho de Balda (padre) com uma índia. Trata-se de uma análise da obra, dos aspectos subjacentes a ela. Corroboramos nossa prática pedagógica com Antunes (2007, p.130), no sentido de que uma análise da obra como um todo (vocabulário, léxico da língua, vinculações com as visões da realidade etc.) é mais importante que a mera decodificação de termos gramaticais. Isso porque não compreendemos um texto não só por conhecermos a língua, mas também pelo nosso conhecimento de mundo; dessa forma, torna-se ultrapassada a ideia de que estudar gramática é estudar a língua portuguesa.

Enfatizamos o principal traço do Arcadismo em *O Uruguai*: a morte de Lindóia – a forma como a personagem morre, a riqueza de detalhes e o fato que faz a obra indicar o início do romantismo: a presença e força da natureza. Lindóia morre em meio à natureza pelas presas de uma serpente. Conseguimos visualizar perfeitamente a serpente percorrendo o corpo da índia. Pela leitura da obra, foi possível sentir a emoção de Lindóia. Vale ressaltar que “por extensão, podemos pensar em letramento literário como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o.” (BRASIL, 2006, p.55). Acreditamos que os alunos tiveram esse momento de fruição, todos escutaram a leitura de um colega e citaram o trecho como um dos mais lindos e empolgantes da história.

A partir dessa leitura falamos, também, da escolha do nome *Lindóia*. O nome refere-se à água – rio que não transborda; logo, Lindóia é uma metáfora para aquilo que a personagem é na obra, ela segura todas as suas emoções, a dor da perda do amado, um



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

casamento indesejado, e, ao final, transborda cometendo o suicídio. A fim de enfatizar ainda mais esses detalhes da narrativa, pedíamos sempre que os alunos recorressem ao material para lermos novamente a obra. Em momento algum deixamos que eles se esquecessem que, apesar de estarmos falando de fatos históricos reais, eles estavam contidos na obra ficcional estudada, enfatizando, assim, os pontos de relação entre os fatos históricos e momentos da obra. Dessa forma, priorizamos um ensino mais significativo, conforme os PCN+ apud OCEM: “para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências [...]” (BRASIL, 2002 apud BRASIL, 2006, p.54). Pensando nisso, torna-se necessário enfatizar aspectos como as condições de produção da obra literária e os efeitos de sentido provocados por ela.

Finalizamos a aula falando sobre a questão do acordo ortográfico, também a pedido do professor regente. Iniciamos indagando: Que língua falamos? Qual o nome de nosso país? Então qual seria a nossa língua? Por que existe um acordo ortográfico? Em seguida, então, mostramos a eles a partir de dados a relevância de um acordo entre os países que falam a mesma língua, no nosso caso, a língua portuguesa. Quanto mais países falarem determinada língua, mais essa língua cresce no ranking das mais faladas mundialmente, o que fortalece, politicamente, esses países. Dessa forma, mostramos a eles que a escolha de uma língua não se dá somente porque é mais fácil, mais bonita, mas sim, por influências políticas e econômicas: “Isso envolve, é claro, **letramentos críticos**. E esse é outro espaço de atuação escolar: transformar o ‘consumidor acrítico’ – se é que ele de fato existe – em analista crítico. E, para tanto, são necessários critérios analíticos que requerem uma metalinguagem [...]” (ROJO, 2012, p.28). Não podemos afirmar que os sujeitos são acríticos, no entanto, o que se vê nas escolas é a necessidade de desenvolver o posicionamento do cidadão seja pela escrita ou pelos diversos meios de comunicação oral, virtual, etc. Contudo, não é esta a posição da educação como temos visto, muitas vezes, as escolas tapam, calam seus alunos. Assim, torna-se mais que necessário que o nosso aluno aprenda a buscar questões que estão subjacentes à estrutura textual para que possam enxergar além, independentemente das situações de produção.

Em sequência, para finalizarmos a regência, perguntamos a cada um sobre a importância da obra e o que eles consideraram mais importante nas obras, o que conseguiram



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

aprender sobre todas essas obras. Foram diversas respostas, mas com um fator em comum: a neocolonização e a conscientização do espaço do índio. Alguns falaram da obra em si, outros resumiram os aspectos que comentamos durante todo o período de regência: como se deu a neocolonização, o modo como os índios foram tratados, o fato de o Brasil não ter sido descoberto, dentre outros aspectos. Esse momento de socialização daquilo que apreenderam durante nossas aulas nos fez ver que não fizemos muito, porém fizemos o suficiente. Acreditamos que despertamos a curiosidade deles em relação à obra literária e outras artes, como a música.

Resultados de discussão (análise dos dados)

Como o principal objetivo do nosso projeto era fazer com que os alunos refletissem acerca da importância dos períodos literários por meio da literatura, da leitura de obras literárias. Como as épocas não são estáticas, mostramos que assuntos do primeiro período ainda permeiam a nossa sociedade na contemporaneidade. Propusemos a produção de uma resenha crítica. Durante o período de semirregência – no qual observamos as aulas do professor regente –, observamos que ele já havia trabalhado esse tipo de produção. Pedimos que produzissem uma resenha acerca do tema neocolonização, envolvendo todas as questões discutidas até então por meio das obras *A carta de Pero Vaz de Caminha* e *O Uruguai*. O tema proposto foi *Brasil, alienado desde o início*, justamente para que eles refletissem acerca de o Brasil depender de algo ou alguém desde o período da colonização até os dias atuais. Pretendíamos conhecer melhor o ponto de vista dos alunos acerca do tema e verificar se aquilo que havíamos comentado teria feito algum sentido para eles.

Em nossa terceira aula, recebemos as produções. Logo que as obtivemos, corrigimo-las. Devido a isso, não pudemos nos sentar junto a professora supervisora para discutirmos acerca dos critérios de avaliação, pois tínhamos que devolvê-las corrigidas ao professor regente na semana posterior à nossa regência. Dessa forma, foi necessário seguirmos as sugestões, critérios de avaliação do professor regente: adequação ao tema em primeiro lugar, coesão e coerência e aspectos ortográficos. Como executamos o nosso projeto em duas turmas (1ª ano – Agroindústria e 1ª ano – Química), selecionamos algumas produções para



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

analisarmos de forma mais aprofundada a fim de mostrar os resultados neste relato de experiência.

A partir das correções, e por meio da colaboração dos alunos em nossas aulas, chegamos à conclusão de que nosso projeto foi executado tal como deveria. Nos sentimos professoras reais daquelas turmas pelo respeito e participação que demonstraram durante nossas aulas. Consideramos, assim, que nossos objetivos foram alcançados. Os alunos nos mostraram que têm uma opinião crítica em relação ao que discutimos e isso nos proporcionou uma grande satisfação e mais vontade ainda de aguçar esse olhar deles.

Como nosso projeto tratava da neocolonização, consideramos que esse fosse o tema comum entre as produções. Dessa forma, foi possível perceber a criticidade deles em relação ao que a pouco veio à tona: o fato de o Brasil não ter sido descoberto, e, sim, encontrado pelos portugueses. Observemos a fala dessa aluna:

Por que nos nossos primeiros anos na escola nos ensinam a Descoberta do Brasil? Sendo que quando os portugueses avistaram um ‘monte mui alto e redondo, e doutras terras mais baixas ao sul dele’, já estava habitado?

A fala da aluna nos mostrou que não ensinamos nada em vão, tudo aquilo que falamos e mostramos por diversos ângulos é informação que serve à formação dos alunos. Como vimos, no trecho do aluno há uma citação de uma das obras estudadas: *A carta de Pero Vaz de Caminha*; essa foi a primeira obra estudada em nossa regência e eles viram a importância de citá-la. Consideramos muito importante frisar com os alunos que essa carta demonstrou o diagnóstico identitário do Brasil, pois foi o primeiro registro de uma literatura “brasileira” (que na verdade ainda não era totalmente brasileira, visto que foi escrita por um português em terras brasileiras).

Vejamos o que diz esse outro aluno:

As intenções portuguesas se baseavam no mercantilismo e na catequização. Assim, eles os tratavam com descaso, tentando impor sua cultura. Anos depois o negro-africano era inserido nas terras brasileiras como escravo, vindo a se tornar mão de obra dos europeus.

Se olharmos com atenção para isso, vamos perceber que a alienação do Brasil (povo brasileiro) vem do início da colonização do nosso país, o que torna mais difícil a mudança, pois é algo enraizado.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Podemos notar aqui que o aluno reconhece que há uma alienação, e que a mesma se deu desde a colonização pelo fato da escravidão, além da exploração dos índios. Percebemos a opinião deste aluno, principalmente na forma como ele conclui a sua resenha, pois acredita que uma mudança é algo difícil. Dessa forma, podemos inferir que ele não acredita em transformações no país, por considerar que é algo de nossa cultura: fomos alienados desde o início. Pensar que fomos alienados é constatar que fomos conduzidos, influenciados a fazer algo; infelizmente, ainda hoje somos assim, nos deixamos levar por falsas promessas, aquilo que é importado é o mais valioso. Mas é importante pensarmos nos índios, o que eles pensaram quando os portugueses chegaram, porque entregaram as suas riquezas, sua cultura. O aluno demonstra comungar desse pensamento, já que considera a mudança difícil.

A gente não descobre a casa de alguém, a gente conhece, e o Brasil já tinha residentes antes da porta ser arrombada. O Brasil já tinha a sua cultura (que nunca foi uma só), suas vestimentas (que poderiam ser nenhuma) e a sua língua (que pode não ser a oficial hoje). O Brasil tinha os índios e eles tinham o Brasil, antes de virarem escravos e serem explorados pelos vizinhos, antes do canto da tribo sessar. [...]

Essa colonização exploradora reflete como um espelho nos dias de hoje, a extinção dos nossos índios, a influência da Europa nas nossas vidas, e a falta que ter a nossa identidade faz nos aspectos culturais na nossa sociedade, a falta de reconhecimento e até mesmo do conhecimento das raízes na nossa árvore genealógica. O brasileiro é alegre e colorido como os ornamentos indígenas, pois o que foi morto por fora, não morreu por dentro. E ‘quem me dera ao menos uma vez ter de volta todo o ouro que entreguei a quem conseguiu me convencer que era prova de amizade [...].

Vemos a mesma posição do aluno anterior, este acredita que nossas culturas foram “roubadas” pelos portugueses e que os acontecimentos poderiam ser diferentes. Mas, aqui vemos um diferencial, este aluno acredita que, apesar de tudo que houve na neocolonização, o povo brasileiro continua o mesmo (colorido e alegre) pelas suas raízes. Muito interessante ele utilizar a música que executamos em sala, isso nos mostra a importância de levar diferentes mídias para a sala de aula, a música é atrativa e traz, muitas vezes, o complemento crítico para o conteúdo trabalhado em sala.

Analisemos o trecho da resenha deste outro aluno:



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Mesmo agora, anos e anos após a independência em relação a Portugal, somos convencidos de certas coisas mesmo sem saber. O que por vezes pensamos ser de nossos princípios pode fazer parte da opinião de outras pessoas.

É notório nessa fala uma associação do que houve tempos atrás com fatos que acontecem nos dias de hoje, o aluno em questão conseguiu nos mostrar como e por que ainda somos alienados: muitas vezes, nos deixamos levar pela opinião dos outros, como a da mídia dominante, que normaliza e torna homogêneas as opiniões. Muitas vezes, sem que sequer notemos, tomamos decisões, não porque percebemos criticamente uma circunstância histórica, mas pelo que é considerado certo perante a sociedade. Assim, deixamos nossos valores de lado e seguimos uma receitinha do aceitável socialmente. A ligação que o aluno faz entre o assunto e as condições sócio-históricas de produção dos dizeres atuais era justo o que queríamos mostrar, os períodos literários assim como os fatos históricos não são estáticos, os acontecimentos mudam e ao mesmo tempo podem retornar, mesmo que sejam temporariamente apagados. Isso explica por que temas de outras épocas se tornam atuais na contemporaneidade. Outros alunos disseram que:

O Brasil era um país livre, que não dependia de ninguém e seus povos viviam sem se preocupar com trabalho, política ou dinheiro. Era um país que esbanjava beleza e riqueza, certamente um paraíso. Mas, no dia 22 de abril de 1500 todo o paraíso foi tomado pelo homem branco, todas as suas riquezas, os seus povos e até mesmo a vegetação passou a ser pertence dos portugueses. A princípio o povo deste país deixou se iludir pela falsa bondade dos portugueses e mostraram toda a sua beleza e riqueza, e antes que eles pudessem fazer algo para impedir, o Brasil se tornou um país alienado.

Hoje o Brasil, não muito diferente de anos atrás, ainda é um país alienado de tal forma que nem a mente dos próprios brasileiros pertence a eles, pois hoje em dia é a mídia que molda e cria as opiniões das pessoas e não as deixa enxergar que o Brasil vem sendo destruído desde o ano do ‘descobrimento’.

Interessante o modo como esses alunos mostraram o que pensam sobre o assunto e associaram a situações totalmente atuais. Eles iniciam relatando a neocolonização para, em seguida, mostrar como o povo que vivia nas terras encontradas foram alienados, iludidos. Hoje em dia, os portugueses foram substituídos pela imprensa na história; a imprensa molda os nossos pensamentos, o modo de vestir, etc. nos comanda, nos aliena. É esse tipo de



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

associação que nos dá esperança de que os alunos pensam, enxergam criticamente: basta que possamos ofertar a eles voz para exposição democrática sobre o que pensam, mostrar que a opinião deles é válida.

Observemos o seguinte trecho:

Quem me dera ao menos uma vez entender como um só Deus ao mesmo tempo é três e esse mesmo Deus foi morto por vocês, sua maldade então, deixaram Deus tão triste”. Quem me dera entender o porquê um Deus onipresente, onipotente e onisciente deixaria que arrancassem tudo o que ‘ele deu’ assim, acho que seus argumentos catequizadores foram falhos e contraditórios, e sim ‘sua maldade, então deixaram Deus tão triste.

Como podemos ver, a posição do aluno é voltada para outro ângulo: a catequização. Como sabemos, assim que os portugueses aqui chegaram, instauraram o Cristianismo através dos Jesuítas, os quais ensinaram que existe um Deus que se faz presente no pai, no filho e no Espírito Santo ao invés dos inúmeros deuses da cultura indígena. O aluno, então, expôs sua opinião acerca desse viés: por que esse Deus permitiria a destruição, se o Deus dos Jesuítas era o da salvação? Foi esse o ponto que utilizaram para convencer os índios a ficarem do lado deles, manipularam por meio da religião. Muito bom ver que os alunos conseguiram relacionar o tema, as obras estudadas e os recursos utilizados (a música *Índios* e o documentário *Os índios Pataxós*). Isso nos mostra que conseguimos alcançá-los e ensinar sem necessariamente ficarmos presos nos fatos históricos ou nos períodos literários; acreditamos que fizemos com que pensassem acerca do tema dessa primeira literatura e como ele ainda perdura em nossa sociedade.

A ganância daqueles que nos colonizou nos tornou “escravos” de seus costumes e até hoje vivemos com “amarras culturais”, vivendo como portugueses e, nem mesmo, tendo ortografia própria. As correntes que nos prendem só serão quebradas se nossas atitudes contribuírem para a formação de uma identidade própria.

Na fala desse aluno, percebemos o que ele pensa acerca do assunto se analisarmos as palavras que ele mesmo destacou e metaforizou: “nos tornamos escravos não só em relação ao trabalho braçal, mas também, aos costumes, à cultura que agora estava sendo imposta pelos europeus”. O aluno ressalta um assunto que muito discutimos durante nossas aulas a questão



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

da língua, uma língua que não é totalmente brasileira: os habitantes falavam tupi guarani, por que então falamos a língua portuguesa? Por diversas questões, inclusive políticas. Mas, o que nos chama a atenção é a preocupação do aluno em relação à identidade própria, características brasileiras, uma língua brasileira, privilégio ao que temos aqui, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as produções finais e levando em conta as discussões promovidas em sala com a participação dos alunos, acreditamos ter feito um bom trabalho. Podemos dizer que tivemos êxito na nossa regência, não por nossa prática, mas sim pelo envolvimento dos alunos correspondendo e surpreendendo a todas as nossas expectativas. Eles nos mostraram que sabem pensar a respeito das questões que permeiam a nossa sociedade, eles têm voz e não se sentem envergonhados ao mostrar sua opinião.

A experiência no Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa II me ofertou muito mais que uma oportunidade de prática de sala de aula, fez com que nos víssemos como professoras, não só como estagiárias; de tal forma que nos sentimos tão à vontade nas turmas que nos esquecíamos da presença do professor regente e da professora supervisora em sala. Além disso, algo que muito nos surpreendeu foi a atuação do professor regente que se manteve presente em todas as aulas, nos auxiliando e dando segurança naquilo que estávamos fazendo. Tal ação nos fez refletir acerca das professoras que pretendemos ser, presentes e preocupadas com o aprendizado dos nossos alunos. Não podemos nos esquecer da presença e acompanhamento direto ou indireto da professora supervisora, que não permitiu que fôssemos à escola campo sem ter segurança do que faríamos em sala. Isso contribuiu para nossa atuação, nos sentimos seguras naquilo que estávamos fazendo, pois sabíamos que estávamos amparadas por profissionais experientes.

Assim, o que podemos dizer a respeito desse período de regência é que aprendizado e expectativas em relação ao ser professor nos define e que pretendemos fazer sempre o nosso melhor, plantando e semeando sementes para o futuro



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BUNZEN, Clécio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: MENDONÇA, M. BUNZEN, C. (orgs.). *Português no ensino médio e formação de professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BRITO, Eliana Vianna. *PCNs de língua portuguesa: a prática em sala de aula*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. In: _____; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.).